

Apresentação

O linguista e o disciplinar nos Estudos da Linguagem no Brasil: sujeito e história em funcionamento

Apresentar um mestre venerado por todos, alunos, colegas, amigos e familiares, é muito difícil. Difícil para começar, para encontrar um começo e, mesmo encontrando o começo, difícil para o que virá depois, pois parece que tudo o que dissermos aqui será em vão. Parece que a tudo o que fizemos alusão, outros já o fizeram, em outras situações, e de forma exemplar. A dificuldade se dá, também, pela profusão de informações que, nesses últimos dias, temos encontrado e que estão disponíveis de forma avassaladora em nossa volta. A sensação é de que não vemos mais nada de importante a não ser o que ele produziu e publicou, tamanha a sua visibilidade e sua importância para a história disciplinar contemporânea dos Estudos da Linguagem no contexto brasileiro. Para os professores José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, no prefácio à obra *A fabricação dos sentidos – Estudos em Homenagem a Izidoro Blikstein* (2008), ele foi o primeiro a interessar-se pela semiologia da linguagem, mostrando que não poderíamos ignorar o papel dela na comunicação contemporânea. Por isso, também, a sua importância histórica. Impossível pensar a história da Linguística no Brasil sem considerá-lo como parte integrante da memória não só social, mas fundadora da realidade científica continental. Talvez, nessa reflexão sobre a dificuldade de começar, resida uma contradição constitutiva, já que é tão difícil apresentar uma autoridade que, ao mesmo tempo, nos foi tão acessível no momento da entrevista. Começar a conversa com o professor Izidoro foi uma experiência marcante na vida dos integrantes do Laboratório Corpus que lá estavam, pois ele nos atendeu prontamente, com um sorriso nos lábios e uma grande expectativa no olhar. Ele nos recebeu como se fôssemos os primeiros e nos sentimos assim, deslumbrados: por um instante fizemos parte de seu mundo. Esse encontro nos encheu de coragem, nos levou a crer, mais uma vez, que, na simplicidade daqueles que sabem muito, há espaço para aqueles que ainda acessarão parte de tal saber.

A grandeza da imagem desse homem que é linguista, que é semioticista, que é discursivista, que é conhecedor de tantas línguas-poesias-histórias-filmes-pessoas, nos toma por inteiro e nos faz perplexos. Por outro lado, nos seduz ainda mais e nos conduz por caminhos já trilhados por ele, muito embora tais caminhos possam sempre apresentar surpresas aos caminhantes.

Um aspecto de sua carreira profissional que merece especial destaque diz respeito às suas traduções, realizadas junto com outros colegas também importantes, as quais nos fazem conhecer obras fundadoras para a ciência que lida com os fenômenos linguageiros e imagéticos. A importância dessas traduções é tão grande que, talvez, fosse impossível imaginar o que seria dos estudos linguísticos e semiológicos, no Brasil, sem a existência delas, de acordo com o que nos diz Dílson Ferreira da Cruz (2008). Além disso, ao longo de sua carreira como pesquisador e tradutor, Izidoro tem construído uma vida acadêmico-científica, unindo como poucos, os dois lados da mesma moeda: a língua. Em seu caso, a francesa e a brasileira. Foi por meio dessa ponte que a nós, brasileiros, chegaram os textos-chave para a compreensão dos fenômenos linguísticos e semiológicos.

Izidoro, no dizer de todos, foi quem deu vida aos estudos linguísticos na USP; foi quem ensinou a entender os mecanismos do discurso totalitário; foi quem estudou o Holocausto com o objetivo de desvendar os regimes nazistas, fascistas e racistas. O discurso totalitário, para ele, é construído e constituído de palavras, e são elas a força de qualquer regime de exclusão. Além do Holocausto, estudou outras formas de dominação pela palavra, especialmente o discurso político. Foi ele, também, o primeiro, junto com Dino Preti, a apresentar um curso de português na televisão brasileira (Canal 2, TV Cultura, na época – final da década de 60 – TV Educativa do Estado).

Enfim, apresentar uma entrevista com Izidoro Blikstein significa muito para todos nós do Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem, pois é apresentar o cientista da linguagem, o professor que é reconhecido em seu papel de formador de sujeitos que trabalham com a linguagem, o homem no mundo que tem por característica enxergar à frente do seu tempo, sem com isso perder de vista a história que faz dele quem ele é: um exemplo de dedicação aos estudos da linguagem, na humildade que só têm aqueles que vivem muito intensamente e que produzem saberes para além das histórias que contam, dos artigos e livros que publicam, das conferências e das entrevistas que concedem. É na voz do professor Izidoro que encontramos pistas capazes de revelar que a produção de sentidos, para ele, não é totalmente visível tampouco neutra, pois os estudos da semiótica nos mostram que nada no mundo da linguagem é inocente. Tudo tem um pressuposto. Não se trata de simples memória; temos na mente e nos olhos a figura do mestre, quase palpável, e a sua voz ainda ouvimos agora. Um momento particularmente marcante. Podemos afirmar que sua história, enquanto sujeito do conhecimento, está posta de maneira obrigatória. Ouvi-lo (agora lendo a entrevista) é um privilégio que estendemos a todos, desejando que ele encante ainda mais, de modo especial, a cada um nós, pois *a igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verificá-la, de inventar as formas*

individuais ou coletivas, de sua verificação. Essa lição, ela também, é mais do que nunca atual (RANCIÈRE, 2005). Porque, com Izidoro, somos todos parte da história da Linguística brasileira.

Amanda Eloina Scherer e Verli Petri
Janeiro de 2010